

6

Referências

6.1

Geral

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2002.

———. **S/Z. Trad. Léa Novaes**. Rio: Nova Fronteira, 1992.

BENJAMIN, Walter. "Sobre o conceito da história". In: **Obras escolhidas**, v. I, Magia e técnica, arte e política. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

———. "O Narrador". Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov". In: **Obras escolhidas**, v. I, **Magia e técnica, arte e política**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BERGER, Peter L & LUCKMANN, Thomas. "Os fundamentos do conhecimento na vida cotidiana". In: **A construção social da realidade**. Trad. Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1987.

BLANCHOT, Maurice. **L'Entretien infini**. Paris: Gallimard, 1969.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

CALDAS, Álvaro (Org.). **Deu no jornal: o jornalismo impresso na era da internet**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro - do leitor ao navegador**. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999.

COLASANTI, Marina. "Por que nos perguntam se existimos". In: **Leitura: um cons/certo**. Org. Norma Sandra de Almeida Ferreira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2003.

ECO, Umberto. **Lector in fábula**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

FISH, Stanley. **Is there a text in this class? The authority of interpretive communities**. Cambridge: Harvard UP, 1980.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor**. 2ª. ed. Trad. António Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. Lisboa: Vega, 1992.

GENETTE, Gerard. “Verossímil e motivação”. In: **Literatura e Semiologia**. São Paulo: Vozes, 1972.

HAMON, P. **Narrativité et lisibilité**. Poétique, n. 40, nov. 1979.

———. **Texte et idéologie**. Paris: PUF, 1984.

ISER, Wolfgang. “O repertório do texto”. In: **O ato da leitura**, vol.1, trad. Johannes Kretschner. São Paulo: Ed. 34, 1996.

———. **The implied reader**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1974.

JAUSS, Hans Robert. **A literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção**. Seleção, coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JOUE, Vincent. **A leitura; tradução Brigitte Hervor**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

LACOU-LABARTHE & Jean-Luc Nancy. **The Literary Absolute**. New York.: SUNY, 1988.

LADDAGA, Reinaldo. “Introducción a un lenguaje invertebrado. Una situación de João Gilberto Noll ”. In: **Palavra 7**. Rio de Janeiro, 2001.

LAING, R.D, PHILLIPSON, H & LEE, A.R. “O si mesmo (self) e o outro”. In: **Percepção Interpessoal**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1972.

MARTINS, Wilson. “Folhetins: Machado e José de Alencar, observadores críticos e realistas”. O Globo, Rio de Janeiro, 13 set. 2003. Prosa e Verso, p.4.

MEDEL, Manuel Ángel. **Discurso literário e discurso jornalístico: convergências e divergências**. In: **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. Org. Gustavo de Castro e Alex Galeno. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

NETO, João Cabral de Melo. **João Cabral de Melo Neto - Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

NEVES, Margarida de Souza. “Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas”. In: **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil, organização: Setor Filologia FCRB**. Campinas, SP: Ed. da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

NIETZSCHE, Frederico. **A Gaia Ciência**. Lisboa: Guimarães e C.^a Editores, 1977.

NUNES, Bojunga Lygia. **A Bolsa Amarela**. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2003.

———. **Fazendo Ana Paz**. Rio de Janeiro: Agir, 1991.

OLINTO, Krieger Heidrun. "Literatura, cultura e ficções reais". In: **Literatura e cultura**. Org. Heidrun Krieger Olinto e Kart Eric Schollhammer. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Sao Paulo: Loyola, 2003.

OTTEN, M. **La lecture comme reconnaissance**. Français 2000, n.104, fév. 1982.

PICARD, Michel. **La lecture comme jeu**. Paris: Minuit, 1986.

———. **Lire le temps**. Paris: Minuit, 1989.

REZENDE, Beatriz. (1996) "Ficção nos anos 90". Rio Artes, Ano 5. no. 21. p.23-25. Rio de Janeiro.

VERÍSSIMO, Érico. **A liberdade de escrever**: entrevistas sobre literatura e política. São Paulo: Globo, 1999.

YUNES, Eliana. **Pensar a leitura**. (Org.). Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; Loyola, 2002.

ZAVALA, Lauro. **Poéticas de la brevedad**. México: Coordinación de Difusión Cultural/ UNAM, 1997.

6.2

Sobre a autora

ALBUQUERQUE, Paulo Germano Barrozo. **Mulheres claricianas: imagens amorosas**. Rio de Janeiro: Relume Dumara; Fortaleza, CE: Secretaria da Cultura e Desporto, 2002.

BORELLI, Olga. **Clarice Lispector: Esboço para um possível retrato**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

CANDIDO, Antonio. "Uma Tentativa de Renovação". In: _____. Brigada Ligeira. São Paulo, Martins, 1945, p. 98-109.

———. "No Raiar de Clarice Lispector". In: _____. Vários Escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1970, p. 125-131.

CARNEIRO, Flávio. **Entre o cristal e a chama: ensaios sobre o leitor**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

- CIXOUS, Hélène. "L'Approche de Clarice Lispector". *Poétique; Revue de Théorie e d'Analyse Littéraires*. Paris, (40): 408-419, nov. 1979.
- CONY, Carlos Heitor. "Lembranças do grande peixe fosforescente - A memória do amigo e as histórias da artista". *Bravo*, n. III, p. 76-77, dez. 1997.
- FERREIRA, Theresa Cristina Montero. **Correspondências**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- . **Eu sou uma pergunta**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- GOTLIB, Nádia Batella. **Três vezes Clarice**. São Paulo: Papéis Avulsos, 1989.
- GURGEL, Gabriela Lírio. **A procura da palavra no escuro: uma análise da criação de uma linguagem na obra de Clarice Lispector**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002.
- HELENA, Lúcia. **Aprendizado de Clarice Lispector**. Rio de Janeiro: Littera, 1975.
- . **Nem Musa, nem Medusa; Itinerários da Escrita em Clarice Lispector**. Niterói: Eduff, 1997. (Ensaaios, 6)
- IANNACE, Ricardo. **A leitora Clarice Lispector**. São Paulo: EDUSP, 2001.
- MANZO, Lícia. **Era uma vez: eu: a não ficção na obra de Clarice Lispector**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2001.
- NINA, Claudia. **A palavra usurpada: exílio e nomadismo na obra de Clarice Lispector**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- NOVELLO, Nicolino. **O ato criador de Clarice Lispector**. Rio de Janeiro: Presença Brasileira:INL, 1987.
- NUNES, Benedito. **O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector**. São Paulo: Ática, 1989.
- PAIXÃO, Sylvia. "Um Sopro de Vida na Hora da Estrela; Uma Leitura das Crônicas de Clarice Lispector". In: **Revista Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro, 104: p.111-120, jan/mar. 1991.
- PINTO, Cleonice Vaz de Carvalho Ribeiro. **Da incomunicabilidade no diálogo amoroso: escrita clariceana**. Rio de Janeiro, 1988. Tese (doutorado) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1988.
- PONTIERI, Regina. **Clarice Lispector: Uma poética do olhar**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.
- SANTOS. Roberto Corrêa dos. **Lendo Clarice Lispector**. São Paulo: Atual, 1986.

SANT'ANNA, Afonso Romano de. Laços de Família. In: **Análise Estrutural de Romances Brasileiros**. Petrópolis: Vozes, 1974. p.180-212.

———. **A Leitura de Clarice**. Rio de Janeiro: Littera, 1973.

VIANNA, Lúcia Helena. “O figurativo inominável: os quadros de Clarice”. In: ZILBERMAN, Regina et al. **Clarice Lispector. A narração do indivízel**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1998. p. 49-64.

———. “Um sopro todo seu – de Clarice e suas irmãs contemporâneas”. In: Revista Grajoatá. N. 3 (2 sem. 1997) – Niterói: Eduff, 1997.

YUNES, Eliana. “A assunção do sujeito”. In: **Dos contos, encantos**. Ágalma: Bahia, 1998.

6.3

Sobre a autora (artigos)

JOSEF, Bella. **Clarice: a invenção criadora**. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 17 Dez. 1977. Caderno B, p.2-3.

PINHEIRO, Nevinha. **Clarice, pela última vez**. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 15 Dez. 1977. Caderno B, p.1-2.

PORTELLA, Eduardo. **O livro aberto de Clarice Lispector**. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 12 Jul. 1969. Caderno B, p.1-2.

RIBEIRO, Léo Gilson. **Clarice: doando um fragmento iluminado de si mesma nestas crônicas**. Jornal da Tarde, São Paulo, 16 Nov. 1984, p.18.

———. **Clarice: uma mulher que morreu pela vontade de escrever**. Jornal da Tarde, São Paulo, 9 Dez. 1987, p.21

6.4

Obras da autora

LISPECTOR, Clarice. **A Bela e a Fera**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

———. **A Cidade Sitiada**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

———. **A Descoberta do Mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

- . **A Hora da Estrela**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
- . **A Imitação da Rosa**. Rio de Janeiro: Artenova, 1971.
- . **A Legião Estrangeira**. Rio de Janeiro: Siciliano, 1992.
- . **A Maçã no Escuro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- . **A Mulher que Matou os Peixes**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.
- . **A Paixão Segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- . **A Via Crucis do Corpo**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.
- . **A Vida Íntima de Laura**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.
- . **Água Viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- . **Alguns Contos**. Ministério da Educação e Saúde. (Cadernos de Cultura), 1952.
- . **Como Nasceram as Estrelas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.
- . **De Corpo Inteiro**. São Paulo: Siciliano, 1992.
- . **Felicidade Clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- . **Laços de Família**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- . **O lustre**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.
- . **O Mistério do Coelho Pensante**. Rio de Janeiro: José Álvaro, 1967.
- . **Onde Estivestes de Noite ?** Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- . **Para Não Esquecer**. Rio de Janeiro: Siciliano, 1994.
- . **Perto do Coração Selvagem**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.
- . **Quase de Verdade**. São Paulo: Siciliano, 1993.
- . **Uma Aprendizagem ou O livro dos Prazeres**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.
- . **Um Sopro de Vida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

ANEXOS

TODAS AS REPRODUÇÕES FORAM OBTIDAS A PARTIR DE PESQUISA ÀS EDIÇÕES DO JORNAL DO BRASIL, COMPREENDENDO O PERÍODO DE 19 DE AGOSTO DE 1967 A 29 DE DEZEMBRO DE 1973, NO ARQUIVO FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (AFBN).

ANEXO 1

***REPRODUÇÃO DA PRIMEIRA PÁGINA DO JORNAL DO BRASIL –
07.10.1967 – UTILIZADA, NO CAPÍTULO ENTRE O JORNAL E O
LIVRO: DIÁLOGOS TEXTUAIS, NA ANÁLISE DAS
CARACTERÍSTICAS DO VEÍCULO NESTA DATA.***

ANEXO 2

REPRODUÇÃO DA PRIMEIRA PÁGINA DO CADERNO B, JORNAL DO BRASIL, 07.10.1967, UTILIZADA, NO CAPÍTULO ENTRE O JORNAL E O LIVRO: DIÁLOGOS TEXTUAIS, NA ANÁLISE DAS CARACTERÍSTICAS DO VEÍCULO NESTA DATA.

Departamento de Pesquisa



Marlene A. Favre, Dr. Aeronautical

Emília, A Favor
da Mãe

Are You

De nato à butine

Além disso, os sobreviventes estão se preparando para a história. Na Rádio Nacional, ex-emprego daquele glório, o autorito ainda faz jôdo, aos domingos, a partir das 9 da manhã, quando encerra o programa da Associação Beneficente de Empregados da Rádio Nacional — Termino Não é Mandamento —. As 18 horas, José Maria e o comando, até 1933-34. Uma das brincadeiras comera a intensa restrição dos vários tempos — a Hora de Tiro, quando o carisma de um tiro de pânico não no entanto a ser eliminado.

[illegible]

"É certo que nós fundamos a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro para só irradiar o que o público deseja. Nós a fundamos para transmitir principalmente aquilo de que o nosso povo precisa: trechos de ciência, literatura ou arte." Estas palavras de Rogério Pinto logo tornaram uma prova de fogo quando a música popular se comercializou, sobretudo com a indústria de discos se desenvolvendo a partir de 1930. O público exigia a participação de seu cantor preferido nos programas de rádio. E isso, já transmitido

[illegible]

A fidelidade dos fãs

Na fim da década de 60, Daura de Oliveira projeta-se como uma nova idóla. Logo depois ela estreia como atriz de diáspora participando no Triv de Osm. Devo e sucesso. Instantaneamente, a divulgadora se torna uma figura particular, e o casamento desfeito com o ator Henrique Martins, explode de pólvora em sua vida e letra de canções. Numa fita, anos depois, chegaria à fama por um episódio semelhante. Havia, também, o nome de ser criar uma identificação entre canções — Rutilândia, Paura e Alcega — a fim de mostrar a paixão das fêmeas.

Essa novidade, importada dos Estados Unidos foi uma das características dos periódicos

ANEXO 3

REPRODUÇÃO DA PÁGINA 2 DO CADERNO B, JORNAL DO BRASIL, 07.10.1967, UTILIZADA, NO CAPÍTULO ENTRE O JORNAL E O LIVRO: DIÁLOGOS TEXTUAIS, NA ANÁLISE DO TEXTO DE CLARICE LISPECTOR PUBLICADO NA MÍDIA IMPRESSA E DAS CARACTERÍSTICAS DA COLUNA SEMANAL DA AUTORA NESTE VEÍCULO.

ANEXO 4

REPRODUÇÃO DA PÁGINA 2 DO CADERNO B, JORNAL DO BRASIL, 14.10.1967, UTILIZADA, NO CAPÍTULO ENTRE O JORNAL E O LIVRO: DIÁLOGOS TEXTUAIS, NA ANÁLISE DO TEXTO DE CLARICE LISPECTOR PUBLICADO NA MÍDIA IMPRESSA E DAS CARACTERÍSTICAS DA COLUNA SEMANAL DA AUTORA NESTE VEÍCULO.

Dies irae

RESPEITÁVEL PÚBLICO !
NÃO VOS PEDIMOS PALMAS PEDIMOS
BOMBEIROS ! SE QUIZERDES SALVAR
AS VOSSAS TRAIÇÕES E A Vossa
MORAL IDE CHAMAR OS BOMBEIROS
OU SE PREFERIRDES A POLÍCIA !
SOMOS COMO VÓS MESMOS.
UM IMENSO CADAVER GANGRENADO !
SALVAE NOSSAS PODRÕES
E TALVEZ VÓS SALVAREIS DA
FOGUEIRA ACES / DO MUNDO !
OSWALDO DE ANDRADE.

O Rei da Vela: pano de boca na última encenação do Oficina, de São Paulo

luiz carlos maciel

[illegible][illegible]

ATAQUE À TRADIÇÃO

[illegible]

O **comercio** — masmor e dos ma-
nais colônias — e de seus represen-
tantes de Visão mais afeita — foi um
aliquando a casa brasileira. Com São Paulo,
foi a vanguarda ideológica e uma bur-
guesia industrial que arrastava a vit-
tória total. Alguns anos mais tarde, in-
finito não de tradição, Ovario entusias-
mado com o futuro, tanto o Airone
quanto a boia. Os elegantes A Sênica e
os produtores industrializados, feitos por
Marinetti, são palavras de ordem da in-
dústria burguesa e servem aos seus co-
ljetivos básicos de derrubada da escala
de valores do mundo antigo em deca-
dência. Embora logo depois esvoeque

sem totalmente Marinetti: o italiano não vê, na verdade, não merecia mais do que isso, os demais modernistas obedeciam ao mesmo impulso. Como nos gurus, era travado no mesmo impulso, a Europa e a literatura portuguesa, a Europa e o território escolhido para o transar de lances. A tradição confundiu-se com o parthenonismo, grande bête noire do modernismo. Não havia uma moral, uma visão de mundo ou um sistema político-social a ser destruído, mas apenas a maneira de escrever. A tradição não era uma escola de valores, era a tradição parthenônica, ser moderno era ser diferente parthenônica, ser moderno era escrever o mundo com novos olhos, era escrever o brasileiro, Ovalim, como todos os outros.



Oswald, o antropofágico homem de neopôdo

tres, embarcou na canoa. Mas foi um dos poucos a supor, com clareza, que havia um barco maior a ser navegado.

A FORMAÇÃO DO ANTROPÓFAGO

[illegible]

Para a maioria, de qualquer modo, era necessária uma submissão. O próprio movimento modernista, com suas propostas por liberdade, não se quebrou. Aíla me pareceu ter a gênese do seu fracasso. No Brasil — não Celso David e Andrade é fiel ao nacionalismo modernista — o que aconteceu foi que o movimento se tornou mais agressivo e consequentemente hostil à tradição ocidental; é a antropologia de hoje, a antropologia que se desenvolveu, que se tornou mais agressivamente, se converteu essa antropologia em uma federação de uma postura em favor de uma espécie de nacionalismo, de uma nada, de dar um conceito, de não ter as necessidades de revolucionar a sociedade brasileira, de revelar inconformidade, de denunciar a situação burguesa e, ao mesmo tempo, do movimento não a grande barreira encontrada pela modernidade a ser vencida à tradição.

A RUPTURA RADICAL

Disseram que Oswald de Andrade sentiu a crueldade do capitalismo na

[illegible][illegible]

O PERÍODO EM CTM

Os vivos, em cena, a peca O Rei do Vaso mostra que Oviold e Andrade concluíam a devorar seus semelhantes. Trata-se de um dos seus trabalhos mais típicos e revulsivos. A poca inventada com um império raro em nossa dramaturgia, a novela retrata a sociedade de São Paulo, sua aristocracia rural de São Paulo, sua nobre burguesia, e imperialismo das grandes fazendas. Denuncia com fervor, e integralismo fascista, os anos trinta e o socialismo. Está longe, entretanto, de ser um mero panfleto político. Sua comicidade delirante, sua liherdade de expressão quase surrealista, são mais problema da alegre eust-pancopia europeia dos anos vinte do que do teatro político ou do realismo socialista comprometido. Sua verdadeira anticomunidade, segundo Nela Ruggieri Jacobbi, são Apollinaire, Marinetti e Kubrick. Daniel

[illegible]

Com o espetáculo do Teatro Oficial, o mais trabalhoso e redensável de Oswald, os brasileiros puderam ter sido oficialmente apresentados a um gênero de teatro que durante tantos anos conheceu o Brasil no empobrecimento e desespírito de exceção, foi finalmente rompida. Temos certeza de que, daqui por diante, a cultura brasileira não vai mais ao signo da exclusão, mas ao signo da inclusão profunda. Não se trata de uma cultura e uma arte autenticamente brasileiras. Precisamos que sejam também combativas e que durem, literalmente, os valores da tradição. No longo caminho da senilidade, a obra de Oswald de Andrade é uma arma importante para a decisão de nossa cultura.